

# Educação para a liberdade – uma perspectiva kantiana

*Education for freedom – a kantian perspective*  
*Educación para la libertad – una perspectiva kantiana*

Sergio A. Ribeiro\*  
Lourenço Zancanaro\*\*

**RESUMO:** O presente texto busca analisar o que vem a ser a educação no pensamento de Kant. A proposta pauta em apresentar uma pedagogia calçada na autodeterminação crítica do indivíduo, instigando o pensar, para que em todas as circunstâncias da vida o sujeito possa eleger o que é correto, justo e bom. Compreende que o homem em Kant é a única criatura que precisa ser educada e que não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação, pois ele é aquilo que a educação faz dele. Assim, concentrando nesta afirmação de Kant, procuramos compreender as preleções sobre a educação dentro do horizonte da obra “Sobre a Pedagogia”. Nesse sentido, a questão subjacente à investigação resume-se no aporte “Educação para a liberdade – uma perspectiva kantiana”. Nesse panorama, surge a filosofia como pedra de toque para a educação básica do indivíduo, pois a tarefa da filosofia é aquilo que a faz necessária na vida das pessoas, e sua função é ensinar e orientar o homem a deixar de ser bruto e selvagem para se tornar autônomo e civilizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação - Kant. Liberdade. Moral.

**ABSTRACT:** This text tries to analyze education in Kant's thought. The proposal is to present a pedagogy based on individuals critical self-determination of the individual, inciting him to think so that, in all circumstances of life, the person can choose what is correct, just and good. According to the mentioned proposal, the man in Kant is the only creature needing to be educated, not achieving success in becoming a true man except by means of education, because man is what education does of him. Thus, concentrating us in that statement of Kant's, we tried to understand the explanations on education in the horizon of the work *Pedagogy – A Kantian Perspective*. In this domain, the underlying question of the investigation is transformed in the contribution *Education for the freedom – a kantian perspective*. In that panorama the philosophy emerges as a touchstone for individual basic education, because the task of philosophy is what makes it necessary for the life of people; its function is to teach and to guide man to stop being gross and wild and become an independent and civilized being.

**KEYWORDS:** Education - Kant. Freedom. Moral.

**RESUMEN:** Este texto pretende analizar la educación en el pensamiento de Kant. La propuesta es presentar una pedagogía basada en la autodeterminación crítica del individuo, instigándolo a pensar, de manera que, en todas las circunstancias de la vida, la persona pueda elegir lo que es correcto, justo y bueno. Según la mencionada propuesta, el hombre en Kant es la única criatura que precisa ser educada, no logrando éxito en se tornar un verdadero hombre sino por la educación, porque el hombre es aquello que la educación hace de él. Así, concentrándonos en esa afirmación de Kant, intentamos entender las explicaciones sobre la educación en el ámbito del horizonte de la obra *Pedagogía*. En ese sentido, la cuestión subyacente a la investigación se resume en el aporte *Educación para la libertad – una perspectiva kantiana*. En ese panorama emerge la filosofía como piedra de toque para la educación básica del individuo, pues la tarea de la filosofía es aquello que la hace necesaria a la vida de las personas; su función es enseñar y orientar el hombre a dejar de ser bruto y salvaje para convertirse en un ser autónomo y civilizado.

**PALABRAS-LLAVE:** Educación - Kant. Libertad. Moral.

## INTRODUÇÃO

Este artigo trata da educação para a liberdade na perspectiva de Kant, na qual estão inseridas as suas considerações sobre educação. Segundo Kant, é a razão que distingue os seres humanos dos animais, pois sobre a ra-

zão consiste a faculdade de julgar. Mas não é porque o homem é racional por natureza que ele faz o devido uso de sua razão, pois a razão, além de estar implícita, sofre a influência das inclinações. Sabe-se que o homem é afetado por tantas inclinações, mesmo assim é capaz de conceber a ideia de uma razão pura prática, mas não é

\* Graduado em Teologia e licenciando em Filosofia (4º ano). Bolsista em Iniciação Científica pela UEL – Universidade Estadual de Londrina. E-mail: s.adrianoribeiro@gmail.com

\*\* Professor de Filosofia do Programa de Mestrado em Educação e do Curso de Especialização em Bioética da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: lzanca@uel.br

tão facilmente dotado da força necessária para torná-la eficaz e concreta no seu comportamento. Dessa forma, a educação por meio da disciplina e instrução possibilita o sujeito orientar suas ações em uma pedagogia que aponta para a liberdade.

## KANT E A EDUCAÇÃO

A antropológica prática de Kant, sobretudo, se refere ao âmbito da educação. Kant afirma que “o homem é a única criatura que precisa ser educada”, e, que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação, ele é aquilo que a educação faz dele” (p. 18)<sup>1</sup>. Segundo Irrlitz<sup>2</sup>, a pedagogia formou um dos campos centrais da consciência do iluminismo. A discussão sobre a educação não passara, portanto, indiferente a Kant. A obra “Sobre a Pedagogia” é um conjunto de preleções escrita sobre a inspiração de Rousseau<sup>2,b</sup>, publicada em 1803, um ano antes da morte de Kant.

Nessa época, Kant tem bem amadurecida a concepção de que a organização social da Alemanha está bastante longe dos ideais do Iluminismo, devido ao despotismo político e à falta no sistema educacional do seu país de princípios universais advindos de uma moralidade apriorística que, aplicados no processo educativo, levariam os homens à liberdade e à felicidade. Portanto, com base neste pensamento, Kant lança uma pergunta, até hoje questionada: Como se poderá tornar os homens felizes, senão os tornamos morais e sábios? Para que os homens se tornem morais e sábios e, portanto, felizes, é preciso que sejam educados.

A educação para Kant é a condição que contribui no processo do homem para alcançar autonomia. A definição de sujeito autônomo implica a liberdade. Com autonomia o sujeito vence paulatina e progressivamente a propensão para o mal e se converte para o bem, uma vez que, segundo Kant, na obra “Religião dentro dos limites da simples razão”, enfatiza que “homem é mau por natureza” (p. 282)<sup>3</sup>. A descoberta da autonomia da vontade

de como o princípio supremo da moralidade marca um acento decisivo no pensamento kantiano. A concepção da moralidade como autonomia é algo muito significativo na história do pensamento ocidental, pois “Kant inventou a concepção da moralidade como autonomia” (p. 26)<sup>4</sup>.

Para que a vontade seja autônoma, não deve provir de uma fonte externa e estranha ao próprio sujeito, mas da própria razão. Por essa causa Kant não aceita a tese de que a ética deveria iniciar com a definição do bem e deste derivar os conceitos da lei moral e da obrigação. O objeto da vontade deve ser determinado pela vontade em si antes que a vontade pelo objeto; “O bem não deve mais ser pressuposto ou construir em fundamento da lei moral, mas deve ser deduzido da lei moral” (p. 533)<sup>5,c</sup>.

O fundamento da ação moral situa-se na autonomia da vontade, que não é outra coisa senão afirmar que o agente moral é capaz de ser autárquico<sup>d</sup>, predicado esse que fica claro tanto da “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”<sup>6</sup> e em “Resposta à pergunta: que é o Esclarecimento?”<sup>7</sup>. Isso contextualiza e situa o propósito de Kant da razão no seu âmbito prático. Isso é importante, porque ainda não se está numa época esclarecida; vive-se um período de esclarecimento. É necessário ao homem assumir sua condição de ser racional e livre, para tanto “O esclarecimento é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado” (p. 11)<sup>7</sup>.

“A menoridade é a incapacidade de servir do entendimento sem orientação de outrem; “[...] significa saber ouvir a voz do próprio entendimento e de servir do teu próprio entendimento” (p. 12)<sup>7</sup>.

Servir do próprio entendimento é uma reivindicação essencial à compreensão da transformação do modo de pensar e fundamentar a filosofia moral em Kant. Trata-se, por conseguinte, de afirmar a tese de que Kant quer encorajar todo ser humano a fazer uso de sua própria razão tanto em seu uso teórico como em seu uso prático. E isso é sumamente importante, porque se o homem se deixar guiar e determinar pela parte animal, ele compromete a sua humanidade, que é, em última análise, o perigo de não se

a. Friedrich Theodor Rink (1770-1811), aluno de Kant. Organizador das publicações e preleções sobre a educação de Kant em 1803 do escrito Sobre a Pedagogia (p. 3)<sup>1</sup>.

b. A Teoria da cultura de Kant, profundamente devedora ao Emilio, ou da educação (1762) de Rousseau<sup>2</sup>. Ver também Nodari PC. Educação à liberdade em Kant. México: ISEE; 2007.

c. Mas para Kant deve-se esclarecer o conceito da boa vontade (der gute Wille) e desse conceito derivar. Precisa provar que o valor absoluto da boa vontade não é bom pelo que promove, realiza ou pela aptidão em alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão somente pelo querer, isto é, em si mesma, já que a boa vontade tem nela mesma seu pleno valor. A boa vontade é boa sem limites. É boa em si e por si. É boa pelo princípio do querer. Seu valor não está no propósito da ação, mas sim na máxima que determina o princípio do querer. O que torna uma vontade boa não são seus efeitos no mundo, mas a representação mesma da lei como motivo suficiente de determinação da vontade. Uma boa vontade é boa, porque segue o dever pelo dever, porque seu valor não está nos resultados, mas no princípio da ação, ou seja, porque age unicamente por respeito à lei. Kant fundamenta o caminho da justificação da lei moral a partir da razão prática pura. O valor moral de uma ação não consiste, por conseguinte, em seus resultados. Consiste em sua fundamentação na lei moral. Esta é possível graças à potencialidade do ser humano, enquanto racional, de determinar sua ação de acordo com a razão e liberta-se de todas as tendências e estímulos (p. 533)<sup>5</sup>.

d. A Autonomia da vontade é aquela sua propriedade graças à qual ela é para si mesma a sua lei (independentemente da natureza dos objetos do querer). O princípio da autonomia é, portanto, não escolher senão de modo que as máximas da escolha estejam incluídas simultaneamente, no querer mesmo como lei universal (p. 534)<sup>5</sup>.

realizar como pessoa. Kant, na “Crítica da Razão Pura” define uma pessoa como “o que tem consciência da identidade numérica de si própria em tempos diferentes” (361/B)<sup>8</sup>.

O homem, enquanto ser vivo e racional, tem a disposição para o bem, mas precisa ser educado e disciplinado, pois, segundo Kant, o “homem torna-se verdadeiro homem pela educação” (p. 10)<sup>1</sup>. A educação é a possibilidade de fazer o homem se desviar do mau, e também um dever de preservar-se da animalidade.

É dever para o ser humano erguer-se da tosca condição de animalidade, através da qual só ele é capaz de estabelecer fins; ele tem o dever de reduzir sua ignorância através da instrução e corrigir seus erros. Para o homem não constitui contradição estabelecer para si mesmo um fim. “O traço específico do conceito de humanidade, e a diferença de animalidade está na capacidade de pôr-se fins” (p. 314)<sup>9</sup>.

Dessa forma, compreende-se que “O homem diversamente do animal age segundo fins que ele próprio se propõe”<sup>10.e</sup>. Na obra “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”, Kant enfatiza “todas as disposições naturais de uma criatura destina-se há um dia a se desenvolver completamente conforme um fim”<sup>10</sup>. O homem é, por natureza, um ser racional, e o desenvolvimento dessa faculdade cognitiva é alcançado pela educação.

## KANT E A EDUCAÇÃO

Por educação, Kant entende o cuidado da infância, a disciplina e a instrução, fundamentais à formação do homem<sup>f</sup>. A educação proposta por Kant, além de ser uma

arte<sup>1.f</sup>, é um processo que educa o homem para a liberdade. A educação libertaria o homem do estado bruto. Kant enfatiza que o homem é a única criatura racional sobre a terra “essa razão é a faculdade de ampliar as regras, e os propósitos do uso de todas as forças muito além do instinto natural, e não conhece limite para seus projetos; por ser racional ele ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência por meio de sua própria razão” (p. 28)<sup>10</sup>.

A educação para a liberdade necessita de exercícios e ensinamentos de modo a permitir gradativamente o desenvolvimento de sua inteligência. O homem, por ser racional, ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência e todo o sentido de sua existência, proporcionando a si mesmo a libertação dos instintos por meio de sua própria razão; “O homem não deve ser guiado por instintos, pois foi dado a ele razão e liberdade da qual deve tirar tudo de si mesmo” (p. 14)<sup>10</sup>. Assim, na era moderna, cresceu o clamor da liberdade geral e sustentou-se que uma ordem social apropriada só poderia acontecer a partir de indivíduos livres e emancipados, em que o sujeito só poderá ser racional e livre ao desenvolver todas as suas potencialidades de acordo com a vontade boa<sup>11.g</sup>.

Dessa forma, compreende-se quando Kant diz que o “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (p. 11)<sup>1</sup>, porque ele não nasce pronto e muito menos sua razão. Entende Kant que não é pelo fato de o ser humano ser dotado de razão que ele já é moral. A razão, ao contrário dos instintos, precisa ser educada, treinada e exercitada. Kant infere que “o homem nasce como o mais frágil de todos os animais, uma vez que enquanto os outros animais requerem apenas nutrição o homem precisa de cuidado e de cultura”<sup>h</sup>. A educação é um processo de disciplina que

e. A humanidade deve ser devidamente respeitada em todo e qualquer ser humano. O ser humano não deve ser usado absolutamente como meio, mas tão somente como fim em si, mesmo devendo ser considerado pessoa e não coisa. Por isso, na segunda formulação do imperativo categórico, o conceito de pessoa recebe um valor absoluto, na medida em que o ser humano, enquanto ser racional, é capaz de agir determinado totalmente pela razão. Para Rohden: “Essa capacidade de o homem pensar-se moralmente como fim para si mesmo advém-lhe da consciência de sua liberdade, pela qual ele é sujeito da legislação moral”. A dignidade da humanidade consiste em tratar a pessoa sempre como fim (p. 335)<sup>9</sup>.

f. A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Todas as gerações, de posse do conhecimento das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daqueles, e assim guie toda a espécie humana a seu destino. Entre as descobertas humanas há duas difíceis: a arte de governar os homens e a arte de educar (p. 12)<sup>1</sup>.

g. Mas, para que a humanidade como fim em si mesmo, na sua relação com o imperativo categórico seja corretamente compreendida, é imprescindível compreender o fim em si mesmo como distinto de todo fim relativo, porque aquele é absoluto. Não é a criação de uma mera vontade humana subjetiva circunstanciada. É, antes, um fim dado pela razão de valor absoluto e válido para todos os seres racionais, porque, para Kant, muito antes de ser no indivíduo, é na espécie que se desenvolvem integralmente as disposições naturais que visam o uso da razão (IGA A388), cujo propósito prático pressupõe, apesar dos incrédulos, “que o gênero humano progrediu sempre para o melhor e assim continuará a progredir no futuro” (p. 215-22)<sup>11</sup>.

h. Por cultura (*Bildung*) compreende-se a disciplina (*Disziplin*) e instrução (*Unterweisung*). Por cuidado (*Sorge*) entendem-se fundamentalmente as precauções que os pais tomam para evitar que as crianças façam uso nocivo das forças e inclinações animais, e acabem caindo na selvageria, isto é, na independência de qualquer lei e ausência de disciplina, acarretando, conseqüentemente, a possibilidade do homem desviar-se do seu destino, a *humanidade* (SP A3). Segundo Kant, “quem não tem disciplina ou educação é um selvagem” (SP A8). “A selvageria consiste na independência de qualquer lei. A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis” (SP A3). O homem, nesse sentido, é um ser que necessita disciplinar-se, já que, em última análise, é “a disciplina que transforma a animalidade em humanidade” (SP A2), isto é, procura “impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria” (SP A22). Com relação à necessidade da disciplina, Kant, na obra “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”, ao referir-se, na quarta proposição ao antagonismo da *sociabilidade insociável*, afirma, em seguida, na quinta proposição: “Toda cultura e toda arte que ornamentam a humanidade, a mais bela ordem social, são frutos da insociabilidade, que por si mesma é obrigada a se disciplinar e, assim, por meio de um artifício imposto, a desenvolver completamente os germes da natureza” (p. 533-58)<sup>5</sup>.

produz o “efeito positivo” de acostumar o ser humano a obedecer às leis, formar hábitos e a submeter-se às prescrições da razão. Isso é de fundamental importância, uma vez que o homem se difere do animal. Mas, o homem requer polimento.

O homem é tão naturalmente inclinado à liberdade que, depois que costuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica. Ora, esse é o motivo preciso, pelo qual é conveniente recorrer cedo à disciplina; pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem. Ele seguiria, então, todos os seus caprichos (p. 11)<sup>1</sup>.

Segundo Kant:

A natureza quis que o homem tirasse de si tudo o que ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência animal e que não participasse de nenhuma felicidade ou perfeição senão daquela que ele proporciona a si mesmo do livre do instinto, por meio da própria razão” (p. 9)<sup>10</sup>.

A educação é o processo que está totalmente relacionado com a moral; segundo Kant, “Uma boa educação é precisamente a fonte de onde brota todo bem neste mundo” (p. 18)<sup>1</sup>. Por isso, no homem há germes para o bem, conseqüentemente, “os germes que são depositados no homem devem ser desenvolvidos sempre mais” (p. 19)<sup>1</sup>. O homem tem a necessidade de estar submetido à “vontade universalmente válida, de modo que todos possam ser livres” (p. 11)<sup>10</sup>.

A educação deve convergir para a moralização, assim “Aprender a ser homem significa aprender a deixar-se progressivamente guiar pela razão, ter a capacidade e a coragem de sair da minoridade da qual cada um é culpado, e dar-se a própria lei de conduta” (p. 11)<sup>7</sup>. Assim, segundo Kant, o homem “Ele, portanto, poderá se tornar moralmente bom [...] graças a uma força exercida sobre si mesmo” (p. 102)<sup>1</sup>.

Kant possuía um genuíno interesse pela educação dos homens do seu tempo. Isso se atesta pelos três tipos de público a quem se dirigia: 1) Um grupo era formado por pessoas educadas e impressionadas com a ciência newtoniana; 2) o segundo grupo, era formado por outros filósofos; 3) e o terceiro grupo finalmente, o mais importante grupo a quem Kant se dirigia era o formado por pessoas comuns relativamente não educadas e desprovidas da lei moral. Isso porque a moralidade para os seres humanos é, na visão de Kant, o resultado pretendido de um processo educacional extensivo, já que:

Por meio da “educação repousa o grande segredo da perfeição da raça humana”. “[...] A própria moralidade, ao menos no que concerne aos seres humanos, pressupõe a educação. A moralidade não pode simplesmente ser um produto causal da educação, mas ela pressupõe a educação como uma precondição necessária, uma vez que por natureza o ser humano não é um ser moral em absoluto” (p. 82)<sup>1</sup>.

## EDUCAÇÃO PRÁTICA

A segunda parte da obra “Sobre a Pedagogia”, Kant trata da “Educação prática”, a qual envolve disciplina e treinamento. A disciplina para Kant é entendida como um estágio preliminar da própria educação. Segundo Kant, “a disciplina transforma a animalidade em humanidade” (p. 27)<sup>1</sup>. Mas transformar não significa erradicar; na realidade, “disciplinar” significa procurar evitar que a animalidade cause danos à humanidade: “A disciplina é, portanto, meramente domar a selvageria” (p. 27)<sup>1</sup>.

A pessoa prudente e, portanto, civilizada possui certos refinamentos sociais que a pessoa meramente hábil não possui. Os pré-requisitos de uma pessoa civilizada são boas maneiras, bom comportamento e certa prudência pela qual alguém é capaz de usar todos os seres humanos para o próprio propósito final de alguém. No final de seu trabalho sobre a antropologia prática, Kant diz:

O resumo da antropologia prática com referência ao destino do ser humano e as características da sua educação é o seguinte: o ser humano é destinado por meio da sua razão a estar em sociedade com outros seres humanos e a se cultivar, a se civilizar e a se moralizar nessa sociedade através das artes e das ciências (p. 145)<sup>12</sup>.

Frequentemente, o termo “civilização” é usado por Kant como parte de um sequenciamento de estágios necessários para o desenvolvimento humano; a civilização conduz ao último estágio da educação, que é a moralização. A moralização, tal como posta em “Sobre a Pedagogia”, não pode ser uma simples adição da cultura e da civilização. Ela envolve também uma passagem para o reino da liberdade, que logicamente pressupõe os passos preparatórios da cultura e da civilização. Para Kant, a humanidade está, ainda, muito distante do estágio final da moralização e vive em um tempo de treinamento discipli-

nar de cultura e de civilização, mas de modo algum em um tempo de moralização, conforme infere Kant:

A moralização é um resultado da educação de modo a permitir a que o ser humano aja em perfeita harmonia com a lei moral, alcançando liberdade e autonomia; mas será preciso que antes dome as suas paixões. Para aprender a se privar de algo é necessário coragem diante das inclinações. É preciso acostumar-se às recusas e à resistência (p. 82)<sup>1</sup>.

Kant pensa que o homem para agir possa se orientar no mundo; enquanto dotado de razão e de vontade, tornando-se cada vez mais senhor de si e de suas próprias ações, de modo a fomentar um estado de liberdade e autonomia, pois, sendo a educação uma arte, a “autonomia pode ser ensinada e a liberdade aprendida” (p. 459)<sup>13</sup>.

## CONCLUSÃO

Para concluirmos, ratificamos que é propósito de o homem é desenvolver o que lhe é inerente. Em meios, essas disposições está a disposição para o bem. Tal disposição necessita por sua vez da educação, o que fundamenta o conceito de Kant de que a educação exige do sujeito o ato de ensinar a pensar. A educação é o processo que está totalmente relacionado com a moral; segundo Kant, uma boa educação é precisamente a fonte de onde brota todo bem neste mundo.

Kant compreende que a educação tem um aspecto pragmático, transformando-se em um ferramental para a pedagogia. A educação, para Kant, é um instrumental que tem por objeto preservar a vida, buscar a civilização e apontar para princípios morais.

## REFERÊNCIAS

1. Kant I. Sobre a Pedagogia. Trad Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep; 1996.
2. Caygill H. Dicionário Kant. Trad Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2000.
3. Kant I. A Religião dentro dos limites da simples razão. Trad Tânia Maria Bernkopf. São Paulo: Abril Cultural; 1980.
4. Schneewind JB. A invenção da autonomia: uma história da filosofia moral moderna. Trad Magda França Lopes. São Leopoldo: Unisinos; 2001.
5. Nodari PC. A noção da boa vontade em Kant. In: Rev Portuguesa Filos. 2005;61(2):533-58.
6. Kant I. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Trad Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural; 1980.
7. Kant I. Resposta à pergunta: Que é o Esclarecimento. In: Kant I. A Paz Perpétua e Outros Opúsculos. Trad Artur Mourão. Lisboa: Edições 70; 1995.
8. Kant I. Crítica da Razão Pura. Trad Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural; 1980.
9. Rohden V. Interesse da razão e liberdade. São Paulo: Ática; 1981.
10. Kant I. Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Trad Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Martins Fontes; 2003.
11. Höffe O. Immanuel Kant. Trad Christian Viktor Hamm e Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
12. La Taille Y. A educação moral: Kant e Piaget. In: Macedo L, organizador. Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1996.
13. Oliveira MN. A educação na ética kantiana. Educação e Pesquisa. 2004;30(3):447-60.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Zingano M. Razão e história em Kant. São Paulo: Brasiliense; 1989.

Recebido em: 12 de novembro de 2010.  
Versão atualizada em: 15 de dezembro de 2010.  
Aprovado em: 20 de janeiro de 2011.